

ESPAÇOS DE AFETO: ADAPTANDO A EDUCAÇÃO PARA TODOS



ELUZINETE DOS SANTOS ARRUDA

Graduação em Pedagogia, habilitada em Administração Escolar; Matérias do Ensino Fundamental e Médio; Matérias Pedagógicas do Ensino Médio; Exercício do Magistério nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental pelas Faculdades Integradas de Ciências Humanas, Saúde e Educação de Guarulhos (2006); Pós-Graduação “Lato Sensu” em Educação da Pessoa com Deficiência da Audiocomunicação pelas Faculdades Metropolitanas Unidas (2012) Pós Graduação em Formação de Professores: Trabalho Docente para Inclusão na área de Educação pela Universidade Nove de Julho – UNINOVE (2009); Professora de Educação Básica I na Rede Pública do Estado de São Paulo; Professora de Educação Infantil na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo – PEI..

RESUMO

Este artigo apresentou a importância da afetividade e ludicidade na evolução infantil entre 0 a 18 meses. Sabe-se que a criança desde poucos meses já brinca com o próprio corpo, as brincadeiras se tornam rotineiras e espontâneas e se, bem estimuladas, desenvolverá plenamente os aspectos físico, cognitivo, social e emocional, construindo aos poucos a cultura e aprendizagem. Ao contextualizar a educação diante do lúdico e afeto, é necessário buscar um referencial teórico que embase esse pensamento, pois não é suficiente que apenas provoque contentamento nas crianças, mas que haja ensino e aprendizado efetivo. O objetivo geral dessa pesquisa foi conceber a relevância da afetividade no processo de desenvolvimento de crianças com idade entre zero e 18 meses, especialmente no contexto da Educação Infantil, com foco nas vivências em creches. Este tema é relevante por reconhecer que o lúdico aliado ao afeto contribui significativamente para que as crianças se desenvolvam com mais alegria e confiança. As brincadeiras oferecem vivências singulares, permitindo o desenvolvimento de competências essenciais para uma vida mais completa e realizada. A investigação foi fundamentada em uma pesquisa bibliográfica, baseada em contribuições de autores, teóricos e estudiosos da área por meio da revisão de literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Ludicidade; Afetividade; Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Este estudo buscou apresentar a importância da ludicidade e afetividade no desenvolvimento da criança de 0 a 18 meses. Sabe-se que a criança desde poucos meses já brinca com o pró-

prio corpo, as brincadeiras se tornam rotineiras e espontâneas e se, bem estimuladas, desenvolverá plenamente os aspectos físico, cognitivo, social e emocional, construindo aos poucos a cultura e aprendizagem. Ao contextualizar a educação diante do lúdico e do afeto na Educação Infantil, é necessário buscar um referencial teórico que embase esse pensamento, pois não é suficiente que apenas provoque contentamento nas crianças, mas que haja ensino e aprendizado efetivo.

O tema afetividade e ludicidade foi escolhido porque tem grande relevância no desenvolvimento dos bebês, por ser o primeiro momento da infância. Abordar aspectos como o preconceito dos educadores da creche com relação às famílias de baixa renda e a importância de vencê-lo. O assunto já foi abordado por pesquisadores, como nas indicações bibliográficas que apontamos e baseado nesses estudos, pretendemos delinear a diferença entre maternagem e maternidade e, por fim, esse trabalho visa demonstrar a importância do cuidado com os bebês, a afetividade e o crescimento salutar.

Por essa razão a Educação Infantil, é classificado como percurso inicial da educação básica, já que envolve questão de ordem física, social, psicológica e afetiva da criança. Para Gonzalez-Mena e Eyer (2014, p. 53), “a chave para um cuidado eficaz é uma boa relação”. A educação infantil é relevante, pois proporciona possibilidade de conhecer novas habilidades, princípios, hábitos, sensações, através da convivência com diversos grupos sociais. Nesse processo de socialização, tem-se como base o processo de construção da identidade e da conquista da autonomia.

Esse tema tem relevância por entender que o lúdico e o afeto proporcionam benefícios para que as crianças cresçam mais felizes e seguras de si. As brincadeiras ofertam às crianças experiências únicas, possibilitando assim, o aprendizado de habilidades significativas para uma vida plena.

Dessa forma, compreender conscientemente a importância do vínculo afetivo na vida humana, especialmente na infância, é essencial, pois é possível observar que o aspecto emocional exerce um papel fundamental na forma como constrói relações e participa ativamente do convívio social. O afeto se integra da realidade dela desde pequena, quando ela começa a descobrir o mundo, esse sentimento é fundamental para o desenvolvimento infantil, além de trazer satisfação, ela traz para a criança interação, socialização e companheirismo. Assim a criança passa a se incentivar a trocar experiências, a melhorar a autoestima, o trabalho em grupo, o respeito, a criança passa a ser corresponsável ao seu próprio ato, ela aprende a controlar seus sentimentos de medo, raiva, alegria, ansiedade entre outros e, principalmente, confiar no adulto que cuida dela em ambiente escolar.

A partir dos apontamentos, questiona-se em relação ao trabalho nas instituições educativas, com crianças de 0 a 1 ano e 6 meses, como a afetividade no momento do banho/troca, podem colaborar com o desenvolvimento dos bebês. Qual a melhor forma de conduzir esses atos para surtir os efeitos positivos educacionais esperados pelos educadores em fase de Educação Infantil e Creche? Qual é a diferença entre o afeto da mãe e de quem cuida? Como é o envolvimento afetivo do profissional que estudou a ciência pedagógica em relação à criança?

Assim o psíquico, cognitivo e motor infantil estarão aliados na busca de uma educação prazerosa e eficaz. O afeto é vital para a formação intelectual da criança, faz parte do cotidiano dela, a razão pela qual não se deve interromper tal sentimento em sua vida e sim, estimulá-la. Com isso

a aprendizagem se tornará significativa, pois é parte de sua vivência e de seu conhecimento de mundo. Dessa forma, é necessário refletir sobre preconceito de alguns educadores da creche em relação as famílias de baixa renda como algo a ser desconstruído, como também a diferença entre maternidade e maternagem no trabalho com o cuidado/educação; na educação infantil, o cuidado pode se tornar educativo, mesmo no momento do banho e, por fim, a afetividade contribui significativamente para o desenvolvimento global da infância

O objetivo geral dessa pesquisa foi compreender a importância da afetividade no desenvolvimento da criança de zero a 18 meses em fase de Educação Infantil e creche e os objetivos específicos foram sinalizar a importância da afetividade para o desenvolvimento dos bebês, no momento do banho/troca de fraldas e roupas; analisar a diferença entre maternidade e maternagem; refletir sobre as brincadeiras lúdicas na creche auxiliando o desenvolvimento da criança.

A abordagem desse assunto é importante, pois reconhece que a vivência de momentos prazerosos e carinhosos favorece o desenvolvimento emocional e social dos pequenos. As atividades divertidas promovem descobertas, estimulam a criatividade e fortalecem a autonomia, criando um ambiente propício à formação de vínculos saudáveis e ao fortalecimento da autoestima desde os primeiros anos.

O estudo orientou-se por uma revisão de literatura apresentada por autores, teóricos e pensadores da área, por meio de uma pesquisa bibliográfica. A seleção desse método foi motivada por sua adequação em permitir acesso amplo às teorias e concepções que acercam o desenvolvimento da criança de zero a quatro anos. Foram realizadas pesquisas de fontes primárias e secundárias em literatura, livros e artigos nos últimos 20 anos, a coleta de fontes ocorreu em bibliotecas institucionais físicas e virtuais, bem como em bases digitais como Google Acadêmico e SciELO. Os descritores empregados na investigação: Ludicidade, Educação Infantil, Aprendizagem. Os autores selecionados para responder os questionamentos da pesquisa foram Falk (2011), Fochi (2015), Gonzalez-Mena e Eyer (2014), Ortiz e Carvalho (2012), entre outros.

Nesse sentido, muitos professores da Educação Infantil e creches passaram a adotar as práticas lúdicas numa perspectiva afetiva, por ser uma necessidade da criança o ato de brincar, faz parte do crescimento, descobertas, interesses, entusiasmos, curiosidades. Proporcionar às crianças brincadeiras que atendam seu desenvolvimento, vem favorecer a comunicação, entrosamento e criação, além de tornar o ambiente escolar bem prazeroso, cuidando sempre da adequação das atividades com a faixa etária. A estruturação do conhecimento precisa de suporte, como o afeto. Um aluno necessita estar bem afetivamente para passar pelo processo educativo com habilidade. Perdendo o amor e o carinho, o educador não conseguirá educar seus alunos, já que psicologicamente eles não corresponderão às expectativas educativas.

O COMPARTILHAMENTO DA MATERNAGEM ENTRE PROFESSORES E PAIS

É notório que os pesquisadores afirmem que existem fases do desenvolvimento humano bem regulares por que atravessam as crianças desde o nascimento. Esse quadro evolutivo faz parte do

crescimento salutar do indivíduo, por essa razão a creche deve respeitar cada momento e, nada mais justo, que o professor a entenda para poder adequar o repertório pedagógico a seu público. Quanto mais se entende o público infantil, mais se pode fazer por ele. Por essa razão, entende-se que os momentos de alimentação, higiene, banho e troca de roupas são oportunidades privilegiadas para estabelecer uma convivência constante com a criança. Durante essas interações, sem pressa, é possível considerar suas necessidades, observar suas reações e valorizar sua participação ativa no processo (FALK, 2011, p. 20).

Nesse aspecto em que se abordam os cuidados, vale esclarecer que existem distinções nas nomeações daquele adulto que cuida dos bebês. Há a maternidade que, em linhas gerais, é a pessoa que mantém uma relação consanguínea com a criança, enquanto a maternagem se estabelece por um vínculo emocional de acolhimento e ligação puramente de receptividade no que tange entre uma mãe ao filho. A maternagem tem um histórico milenar de que quem cuida de um bebê é a figura de uma mulher. Essa é uma visão que se arrasta por séculos e está intimamente ligada à abnegação feminina em detrimento da valorização extremada masculina que perdura ainda em muitas sociedades. A mulher é vista por grande parte da população, incumbida de exercer o papel maternal. A sociedade e a família atual têm outro perfil, porém com grande resquício de hostilidade na aceitação de um homem exercer essa incumbência (ORTIZ; CARVALHO, 2012).

Foram anos de luta contra o preconceito estabelecido em que a mulher apenas deve cuidar de um bebê. A maternagem não é mais unicidade das mães, ela é abrangente e pode ser dividida entre os homens também. A autora informa que:

Entenda-se por maternagem os cuidados materiais e biológicos com os filhos. Distinga-se maternagem de maternidade, pois elas são duas instâncias distintas da criação e educação de uma criança. Por maternagem, entendam-se os cuidados para com uma criança. Por maternidade, entenda-se algo mais amplo que se refere ao desejo da mãe de gerar uma criança e dar-lhe sentido de viver. Maternagem e maternidade são confundidas em uma só posição para grande parte das pessoas em nossa sociedade (GROSSI, 2010. p. 11).

Superar esse formato antigo que a maternagem pertence à mulher, não é tarefa fácil, até porque ainda está arraigada à cultura arcaica de muitas pessoas. Diante desse formato, o professor juntamente com os pais precisa formar uma parceria no grande compromisso de educar uma criança. Compartilhar a maternagem vem de encontro com o intuito de uma creche que vê primeiramente o bem-estar do infante (ORTIZ; CARVALHO, 2012).

A CRIANÇA DE ZERO A DEZOITO MESES

Cientificamente, a linguagem é uma forma eficaz de domínio linguístico. Aos 18 meses, a criança já pode articular a linguagem com a ajuda de um adulto e consegue se expressar ocasionalmente com palavras que tenham sentido para ela. Por todas essas razões, quanto mais uma criança é estimulada, mais respostas positivas terá em seu próprio benefício. Brincar é próprio da criança, faz parte de sua vida, cabe ao adulto buscar meios para que ela se realize dessa forma. Os autores citam que:

A maioria das crianças aprende a linguagem auditiva oral sem treinamento formal. Sua experiência com múltiplas interações entre cuidadores e outros nos primeiros 5 anos de vida, em geral, é suficiente para capacitá-la a entender a fala dos outros e falar. Quer parecer que existe uma prontidão biológica que capacita o bebê e a criança pequena a adquirirem linguagem auditiva oral com uma velocidade surpreendente, de modo um tanto independente de qualquer necessidade de treinamento formal. As habilidades comunicativas de ler e escrever, contudo, são obviamente habilidades que elas devem adquirir numa situação de aprendizagem mais formal (BOONE; PLANTE; 2004, p.24).

Em se tratando de prática educativa, o professor na creche deve estar atento à integração das questões intelectuais e afetivas, já que a criança é motivada igualmente por esses pontos. Por essa razão, deve-se dar importância à afetividade infantil em fase de ensino e aprendizagem, pois é uma questão de estímulo para a criança. Nota-se, então, que sentimentos estão intimamente ligados à aprendizagem. Assim explica o psicólogo e Especialista em Educação Infantil que “As relações com as pessoas são carregadas de valores, princípios, atitudes e afetos que incorporamos ao longo da vida e que constituem a forma como estamos no mundo” (FOCHI, 2015, p.10).

Vale esclarecer que afetividade, para o psicólogo Wallon (2007), está presente em todas as fases infantis e por isso devem ser valorizadas pela escola, podendo gerar sensações diversas, fruição sentimental, causando prazer ou não, despertando receptividade, relevando disposição positiva, cheio de atrativos. Assim, a afetividade tem função marcante psicologicamente numa criança que é regulada por emoções. O pesquisador e psicólogo Wallon (2007) se baseia no autor abaixo para explicar as fases de uma criança:

- Estágio 1 - Impulsivo (0 a 3 meses) Emocional (3 meses a 1 ano) O primeiro ano de vida da criança é predominantemente afetivo e é por meio da afetividade que a criança estabelece suas primeiras relações sociais e com o ambiente. Os movimentos do bebê, de início, são caóticos, mas as relações que estabelece, gradualmente permitem que a criança passe da desordem gestual às emoções diferenciadas (ALFANDÉRY, 2010, p. 35).

Pode-se observar que o desenvolvimento infantil para Wallon (2007), segue uma teoria psicogenética entre a afetividade e a inteligência. Numa performance renovadora de sentimento e agitação. Nota-se que a criança tem total obediência e subordinação ao adulto até completar dois anos, já que não tem discernimento para se cuidar sozinha, ou seja, não sobrevive só. Por esse motivo, a razão emocional é muito maior do que a cognitiva. Na continuidade, esclarece que no:

- Estágio 2 - Sensorio-motor (12 a 18 meses) Projetivo (3 anos) Esse estágio se estende até por volta dos 3 anos de idade e tem predomínio das relações exteriores e da inteligência. Esta é eminentemente prática e, uma vez que os campos funcionais são indissociáveis, o pensamento via de regra se projeta em atos motores. Nesse período, destacam-se os aspectos discursivos que, por meio da imitação favorece a aquisição da linguagem (ALFANDÉRY, 2010, p. 35).

Esse período ainda a criança se manifesta por meio do choro os seus desgostos, é uma maneira de se relacionar com o mundo que a cerca, o estímulo emotivo é bastante contundente e, algumas crianças, fazem até birras. A criança sabe que uma forma de provocar o adulto, ou melhor, assim instala-se o entrosamento social capaz de consolidar as atividades intelectuais. Alfandéry (2010, p. 35) também elucida, segundo Wallon 2007, outros estágios infantis até a idade de 11 anos, porém não será trabalhado por fugir da idade estipulada na temática do trabalho.

Desse modo, constata-se que para ministrar aula para alunos na creche, cuja faixa etária compreende de zero a cinco anos, é preciso bastante estudo, pois é necessário entender o comportamento da criança, para poder organizar e preparar atividades condizentes com suas expectativas

etárias. A ludicidade é própria da criança e é necessário ao seu crescimento, mesmo que a criança esteja sozinha e sem os brinquedos convencionais, ela brinca, embora não seja de forma satisfatória. Por essa razão, a criança pode brincar e aprender concomitantemente, segundo expõe a autora que antes de se envolverem em brincadeiras estruturadas, descobrem e interpretam o meio em que estão inseridos. Inicialmente, interação com o rosto materno – sua primeira referência visual – e com o seio que os alimenta. Além disso, descobrem seu próprio corpo, os objetos ao seu alcance, as pessoas próximas, os movimentos, as luzes e os sons ao redor. A princípio, a brincadeira acontece por meio dos sentidos, permitindo um processo contínuo de descoberta, desenvolvimento de habilidades e construção de significados (ORTIZ; CARVALHO, 2012).

Observa-se que é preciso se refugiar no lúdico a fim de ter um alívio emocional, essa não é só uma prerrogativa das crianças, pois todos independentemente das idades têm essa necessidade de fantasiar, seja com um filme, música, dança, livro, qualquer devaneio (FALK, 2011).

Entretanto, o professor não deve encarar o recurso como um ato simplista, é necessário antes de tudo fazer um estudo minucioso quanto ao comportamento em relação à idade da criança para determinar a atividade. Percebe-se nas orientações que:

Olhar atento é olhar sensível, olhar cuidadoso, olhar que espera, olhar que antecipa, prevê, planeja, organiza. Olhar que conhece, acolhe, envolve, oferece afeto, põe limites, dá segurança, que indica caminhos. Olhar de quem acompanha e se envolve em um processo repleto de detalhes e riquezas. Enfim, muito se exige desse olhar específico ao bebê em ambientes coletivos de educação. Quando propomos aos professores que tenham este olhar, com certeza estamos propondo que o construam por meio de sua formação continuada. Formação continuada é direito de todos os profissionais, e dos professores mais ainda, pois o objeto de sua ação são as crianças e suas famílias, pessoas que “afinam e desafiam” como diz nosso mestre Guimarães Rosa (ORTIZ; CARVALHO, 2012, p. 188).

Percebe-se que a conquista diária é muito importante à criança, ela precisa se sentir valorizada todos os dias e acolhida pela escola, precisa saber que aquele envolvimento foi feito para ela, somente assim gostará de estar na escola e terá prazer em aprender. Assim, em atos corriqueiros como a troca de fraldas e banho, exercem influência decisiva nos primeiros estágios da vida do bebê (FALK, 2011).

Isso evidencia a importância de adaptar as práticas pedagógicas conforme a fase etária dos estudantes e, ao entrar em ação, o professor precisa fazer parte da brincadeira, entrosar-se com seus alunos, perceber de perto como eles agem, envolver-se em todas as situações. Há necessidade de entender os seus movimentos e gestos, brincadeiras, afetos, habilidades, por isso o docente precisa se entregar junto com os infantes. A pesquisadora enfatiza que:

Evitaríamos muitos problemas se desde o começo, considerássemos o cuidar como um momento íntimo, pleno de comunicação. O bebê não deveria ser considerado como um simples objeto de cuidado, mas como uma pessoa que tem influência sobre os acontecimentos e que estabelece relações, um verdadeiro companheiro (FALK, 2011, p. 34).

A citação de Falk (2011) propõe uma reflexão acerca da relevância de enxergar o ato de cuidar como uma oportunidade de conexão profunda e significativa com a criança. Quando o adulto compreende que esse momento vai além de atender necessidades básicas, percebe o quanto ele é carregado de trocas sutis, gestos, olhares e sensações que favorecem o desenvolvimento de uma relação de confiança entre quem oferece e quem recebe cuidados. Trata-se de reconhecer a criança como um sujeito ativo, que se expressa suas percepções e participa ativamente do ambiente em

que está desde os primeiros dias de vida.

Ao atribuir valor a essas interações, o educador ou cuidador passa a perceber o bebê como um ser relacional, capaz de influenciar e ser influenciado, e não como um receptor passivo. Isso transforma as práticas diárias de cuidado em experiências formativas e humanizadoras, que respeitam a individualidade da criança e promovem seu desenvolvimento integral. Assim, o cuidar se torna um gesto de presença e reconhecimento, no qual o adulto não apenas executa tarefas, mas compartilha experiências e constrói laços afetivos essenciais para a segurança emocional da criança (FALK, 2011).

O afeto é a primeira ligação que o aluno tem com a escola e a seguir vem o desenvolvimento da inteligência. A afetividade interpõe-se os relacionamentos sociais, por isso é relevante ao aluno sentir-se valorizado, pois assim sua aprendizagem de desenvolverá melhor. Uma aprendizagem mais produtiva na Educação Infantil ou creche vai depender da conduta afetiva do professor diante de seus alunos (FALK, 2011).

AS BRINCADEIRAS LÚDICAS EM FASE DE ZERO A DEZOITO MESES

Na creche, as brincadeiras valem-se de uma atividade educativa bastante reconhecida entre os professores, já que ao aplicar nos alunos é bem aceita, como também assegura um crescimento afetivo, educativo, sensorial, motor, intelectual, social, motor e psicológico à criança. Essa prática possibilita-lhe condições de fazer uso de seu intelecto quando faz escolhas de brinquedos ou movimentos que favoreçam suas habilidades, por essa razão o professor deve observar muito a maneira como o aluno brinca e as escolhas que ele faz, pois isso diz demais sobre ele. Levando em consideração tais aspectos que ara a criança, poder se movimentar livremente representa a oportunidade de explorar, testar, aprimorar e vivenciar, em cada etapa do seu crescimento, diferentes posturas e deslocamentos. Dessa forma, é fundamental que ela tenha acesso a um ambiente adequado às suas necessidades motoras, vestimentas que não restrinjam seus movimentos, um piso firme para dar segurança e brinquedos que fomentem o espírito exploratório e apoiem seu amadurecimento (FALK, 2011).

Nessa significação, a criança em ambiente escolar tem desenvoltura e abertura à imaginação, como também passa a conjecturar que sua criação é real, pois lhe traz satisfação tais inventividades. Sabe-se que quando o adulto intervém, seja ensinando ou apenas influenciando os movimentos e brincadeiras do bebê, acaba não só interrompendo seu processo de autonomia ao impor seus próprios interesses, mas também reforçando de maneira artificial a dependência da criança (FALK, 2011).

Por esse ângulo, a escola deve usar desse recurso natural infantil e explorar a imaginação, para que se conheça mais o universo das crianças. Dessa forma, é uma maneira de se aproximar mais do aluno e que se sintam amparados pela creche, quem sabe também se identifiquem no ambiente escolar, produzam mais e tenham um desenvolvimento educacional esperado. A estudiosa explica que:

A criança que consegue algo por sua própria iniciativa e por seus próprios meios adquire uma classe de conhecimentos superior àquela que recebe a solução pronta e, também, que o não intervencionismo na atividade independente da criança não significa abandoná-la: algumas trocas de olhares, um comentário verbal, uma ajuda em caso de necessidade, o compartilhamento da alegria com quem está feliz, tudo isso indica à criança que ela é uma pessoa importante e querida (FALK, 2011, p.27).

Nesse contexto imaginário, o discente precisa receber estímulos também para aumentar a aptidão criativa, afinal ele deve sempre querer descobrir o novo e ser empolgado por outros apo-deramentos. A creche deve proporcionar momentos em que o professor possa fazer essas investi- gações para seu desenvolvimento emocional, cognitivo, físico, sensorial, moral, linguístico (FALK, 2011).

Como se percebe, as práticas escolares colaboram com o conhecimento da criança e isso traduz em um significado expressivo para a vida delas, que vai ajudar no desenvolvimento de ensino e aprendizagem, seja em sua vivência, seja na afetividade. É por meio da sua própria atividade que a criança, enquanto recém-chegada ao mundo, demonstra uma abertura natural para explorá-lo de maneira curiosa e plena. Esse envolvimento ativo possibilita que ela descubra mais sobre si mesma, sobre os adultos ao seu redor e sobre o ambiente em que está inserida. Esse processo de aprendi- zado e descoberta ocorre justamente porque a criança está em constante interação com o mundo ao seu redor (FOCHI, 2013, p. 48).

Ao adicionar dinâmicas lúdicas para crianças de zero a dezoito meses nessa fase e de ma- neira que elas interajam, é meritório, pois vão aprender a se expressar também, socializar-se. O conceito de vínculo é essencial no que diz respeito ao cuidado e à formação de bebês e da primeira infância. As conexões entre cuidadores e os pequenos não ocorrem de maneira aleatória, mas se constroem por meio de sucessivas interações. Assim, a noção de interação – entendida como a influência mútua entre as pessoas – também se torna central. No entanto, esses laços não se for- talecem a partir de qualquer tipo de interação, mas sim daquelas que são pautadas no respeito, na sensibilidade e na reciprocidade (GONZALEZ-MENA; EYER, 2014).

Por meio do lúdico, o aluno de zero a dezoito meses vai desenvolvendo sua habilidade ima- ginativa, raciocínio, concentração, subjetividade, intelectualização, formação de imagens mentais e o mundo da fantasia vai se compondo aos poucos e relacionando com o mundo verdadeiro. O pesquisador Fochi (2015) compartilha que a atuação do adulto se mantém contínua tanto em termos de relacionamento quanto de comunicação. Além disso, contribui para o sentido de coletividade no ambiente escolar, pois, ao interagir com a criança, colabora na formação e no desenvolvimento de sua estratégia de comunicação e construção de pertencimento no espaço social. Esse processo representa um dos principais fundamentos pedagógicos do berçário em contextos de convivência coletiva (FOCHI, 2015).

Considera-se relevante que as crianças brinquem sozinhas e em grupos, é importante ambas as combinações, o professor tem que estar atento às duas formas e observar a evolução da criança, por esse motivo cada atividade precisa ser muito bem pensada, não pode ter improvisos. O docente prepara as atividades lúdicas pedagógicas e ele faz a mediação entre as brincadeiras e os alunos. Assim, orienta-se que:

Não podemos nos limitar a dizer que basta cuidar e responder às necessidades físicas de um recém-nascido para que ele cresça saudável, pois não basta um corpo saudável, biologicamente organizado e programado para funcionar; é preciso ocupar-se dele, atribuir significados, responder às suas primeiras demandas, ter expectativas sobre suas ações e reações, e situá-lo na cultura por meio do desejo daqueles que cuidam dele (ORTIZ; CARVALHO, 2012, p. 32).

Nessa acepção, além do professor ser o mediador entre o aluno e a aprendizagem, ele precisa respeitar muito a bagagem que essa criança traz ao chegar à escola, pois é seu ponto referencial. O professor terá que ter muita sutileza para ter essa percepção e a partir disso agregar novos conhecimentos numa perspectiva lúdica, já que têm pouca idade os alunos. Nesse ponto, reside o desenvolvimento social, psicológico e afetivo do aluno e a convivência com o adulto vai exercer a prática educacional planejada. Como se observa na fala da autora que é essencial que a criança esteja envolvida nos cuidados com seu próprio corpo. Mesmo que, nesta fase, ainda não consiga se vestir sozinha, é importante que observe atentamente os detalhes e acompanhe a verbalização da educadora, mesmo sem conseguir interagir ativamente. Eventualmente, a sequência da interação pode ser interrompida, mas cabe à educadora direcionar a percepção visual infantil e se empenhar para restabelecer esse vínculo comunicativo (FALK, 2011).

Ao adotar esse cuidado, o aluno não se sentirá angustiado diante de dias monótonos e sem estímulo. É fundamental que o professor organize suas propostas com intencionalidade lúdica, de forma eficaz, prazerosa e envolvente, sempre respeitando as características e necessidades da faixa etária das crianças (FOCHI, 2015).

Sob essa ótica, o professor para constatar que seus alunos se desenvolveram adequadamente, necessita ser um incentivador da motivação do interesse e atenção da imaginação, em ambiente escolar ele necessita oportunizar o educando a expressar essa abstração se ainda tiver limitada e mostrar a todos, se for conveniente. Nota-se que quanto mais o bebê brinca, mais se desenvolve, quanto mais tem brinquedos para escolher, mais oportunidades terá para exteriorizar seus pensamentos, suas ideias, seus sentimentos (FOCHI, 2015).

Nessa configuração, a creche deve ser um ambiente afetivo, estável, acolhedor, afetuoso, criativo, construtivo, cujos professores estejam capacitados para participar das descobertas infantis. Por todos esses apontamentos, o aluno na creche precisa receber estímulos lúdicos, como brincadeiras, jogos e a ação de brincar, porém todos esses recursos didáticos precisam ser planejados conforme a faixa etária e o perfil da turma, caso contrário não terá o resultado pretendido que é formar crianças determinadas e confiantes. Lembrando que o aluno nessa fase projeta o que vivencia diante de suas observações, o professor em ambiente escolar é sua referência, deve, então, ser parceiro, acolhê-lo bem, brincar, conversar, entrosar-se, cativá-lo da melhor maneira possível (FOCHI, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração do presente estudo possibilitou uma análise da importância da afetividade e ludicidade para crianças de zero a dezoito meses quando estão em uma creche, a fim de que possam

ter um crescimento saudável, estável e com autoconfiança. Os recursos lúdicos que envolvem as brincadeiras, jogos, brinquedos e mesmo por meio do brincar, a criança amplia suas possibilidades de aprender, pois essa dinâmica lúdica faz parte do currículo escolar. Nada mais justo do que a creche dar oportunidades à criança brincar, pois assim terá um desenvolvimento intelectual, social, psicológico, afetivo, educativo, sensorial e motor.

Por todos esses aspectos, a contemporaneidade permitiu que em ambiente escolar, os alunos pudessem ser incentivados a emergir e sobressair o entusiasmo pelas questões lúdicas e afetivas, de maneira bem conduzida, planejada, com objetivos educativos pensados na questão da faixa etária e seu aproveitamento à luz das práticas de ensino e construção do conhecimento.

Nessa configuração, quando a criança se sente acolhida pela creche, percebe que tem todo um envolvimento de preparo para recebê-la e atividades condizentes com suas expectativas, isso, para a criança, é traduzido em afetividade e quando ela sente-se protegida, o rendimento tende a ser satisfatório e, assim, os resultados educativos serão bastante proveitosos. À vista disso, a maternagem se tornará efetiva, já que os professores e pais pensam de forma harmoniosa e conjunta.

A condução dos atos pedagógicos na Educação Infantil e na Creche deve ser pautada pelo acolhimento, pela escuta sensível e pela valorização da criança em sua totalidade. A melhor forma de garantir efeitos positivos educacionais é por meio de práticas que respeitem o desenvolvimento infantil, proporcionando um ambiente seguro, lúdico e afetivo. O educador precisa conhecer profundamente as necessidades da faixa etária com a qual trabalha, promovendo experiências significativas que aliem o lúdico, o cuidado e os processos educativos em uma só proposta. Assim, as interações passam a ser mais significativas, contribuindo de maneira positiva, contribuindo para a formação intelectual e a sensibilidade emocional.

A diferença entre o afeto da mãe e o de quem cuida está na origem da relação e na intensidade do vínculo emocional. O afeto materno, geralmente, nasce de uma conexão biológica ou afetiva muito profunda, construída desde a gestação ou desde os primeiros contatos de vida, sendo, muitas vezes, incondicional. Já o afeto do cuidador ou educador é construído progressivamente a partir do convívio, da observação atenta e do respeito à individualidade da criança. Embora diferente em sua origem, esse afeto também pode ser forte, sincero e transformador, desempenhando um papel essencial no bem-estar e no desenvolvimento saudável da criança.

O envolvimento afetivo do profissional da pedagogia na Educação Infantil é um componente fundamental da prática educativa. Ao estudar a ciência pedagógica, o educador compreende que o afeto não é um simples sentimento, mas um elemento estruturante das relações pedagógicas. Esse envolvimento vai além do cuidado físico e se estende para o emocional e o intelectual, pois é por meio da confiança, da escuta e do vínculo que a criança se sente segura para explorar, aprender e se desenvolver. O educador afetivo é aquele que se faz presente com empatia, reconhece as emoções infantis e atua como um mediador respeitoso das descobertas da criança.

Para mais, o profissional formado em pedagogia está capacitado para planejar e oferecer vivências que estimulem o raciocínio, o afeto e as relações interpessoais no processo infantil. O afeto, nesse contexto, não é visto como algo espontâneo ou opcional, mas como parte integrante da ação

educativa. Ele está presente no olhar atento, na forma de acolher, na escuta ativa e no respeito aos tempos e ritmos de cada criança. Essa intencionalidade pedagógica faz com que o afeto se transforme em um instrumento potente de ensino e aprendizagem.

Por fim, é fundamental reconhecer que o cuidado afetuoso oferecido pelo educador não substitui o da mãe, mas o complementa em um novo contexto de socialização. A creche e a pré-escola tornam-se espaços de construção de vínculos afetivos seguros e estáveis, nos quais a criança amplia seu repertório de relações humanas. Quando o educador compreende sua função afetiva e educativa, ele contribui para formar indivíduos mais seguros, empáticos e preparados para viver em sociedade. Assim, o afeto na prática pedagógica torna-se uma ponte entre o desenvolvimento integral da criança e os objetivos educacionais propostos pela instituição.

Portanto, para estudiosos Falk (2011), Fochi (2015), Gonzalez-Mena e Eyer (2014), Ortiz e Carvalho (2012), o docente na creche tem que explorar os estágios de crescimento e maturação da criança e criar meios para que elas se envolvam cada vez mais com as práticas diárias, por essa razão as atividades devem ser cativantes, divertidas e interessantes. Nesse contexto, os alunos devem ser avaliados pelo professor, desde o comportamento pessoal e coletivo, escolhas lúdicas, reações perante brincadeiras, relacionamento interpessoal e conhecimento de si próprio.

Finalizando, o trabalho pode abrir caminho para diversos recursos pedagógicos lúdicos e afetivos que venham favorecer crianças frequentes em creche e educação infantil de modo que tenham um desenvolvimento educativo dentro do previsto para a faixa etária. É uma contribuição que pode colaborar na construção da identidade e na autonomia de cada criança, basta investir em constantes estudos. Para tanto, permite aos profissionais da educação repensarem suas práticas, criando um espaço afetivo e atento às demandas da infância. A valorização dos aspectos emocionais, junto ao brincar, fortalece vínculos e amplia o repertório social dos pequenos. Assim, a inserção de estratégias pautadas no afeto e na ludicidade pode tornar a aprendizagem mais significativa. Essa perspectiva reforça o papel do educador como mediador atento e comprometido com o bem-estar integral da criança.

REFERÊNCIAS

ALFANDÉRY, Hélène Gratiot. Henri Wallon. **Recife: Fundação Joaquim Nabuco**, Editora Massangana, 2010.

BOONE, Daniel. R.; PLANTE Elena. **Comunicação humana e seus distúrbios**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FALK, Judit. **Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy**. Araraquara, São Paulo. Junqueira & Marin. 2011.

FOCHI, Paulo. **Afinal, o que os bebês fazem no berçário? Comunicação, autonomia e saber-fazer em um contexto de vida coletiva**. Porto Alegre (RS): Penso Editora, 2015.

GONZALEZ-MENA, Janet; EYER, Dianne Widmeyer. **O cuidado com bebês e crianças pequenas na creche: um currículo de educação e cuidados baseados em relações qualificadas**. Porto Alegre (RS): AMGH Editora Ltda, 2014.

GROSSI, Esther Pillar. **Gênero e as novas ideias sobre aprendizagem**. Disponível em: <http://www.geempa.org.br/html/producao/artigos/genero.htm> Acesso em 8 set. 2020.

ORTIZ, Gisele; CARVALHO, Maria Venceslau de. **Interações: ser professor de bebês – cuidar, educar e brincar, uma única ação**. São Paulo: Editora Edgard Blucher Ltda, 2012.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.